

A aposentadoria dos grandes

Carolina Vicentin

Para os entendidos, eles dispensam apresentações — e mesmo quem não está familiarizado com o mundo da tecnologia reconhece o peso de nomes como Bill Gates, Steve Jobs e Mark Zuckerberg.

Mais ou menos nessa ordem, esses prodígios foram responsáveis pela difusão de tecnologias que mudaram a forma como o homem se relaciona com as máquinas (e com a música, os filmes, os amigos...). Com boas ideias, visão de mercado e, principalmente, muito empenho, eles viraram ícones do mundo moderno e, hoje, são considerados praticamente insubstituíveis.

À medida em que, por variadas razões, os titãs do mundo digital começam a se aposentar, fica mais clara a dificuldade para manter a inspiração que guiou a construção e consolidação das empresas.

Pelo menos, no que diz respeito à marca pessoal que deixaram em seus negócios. Algo que não tem nada a ver com o desempenho financeiro das companhias.

Bill Gates, a primeira figura high-tech a se aposentar, em 2000, tomou todo o cuidado possível para evitar que sua saída abalasse a credibilidade da empresa junto aos investidores.

O processo de transição durou dois anos, e o eleito para ocupar o cargo de Gates na Microsoft foi Steve Ballmer — que foi colega de quarto, padrinho de casamento e companheiro de profissão do dono da empresa durante 28 anos.

“A saída de Gates foi uma das coisas mais bem pensadas da história da indústria. Ele foi, aos poucos, deixando o controle da companhia para Ballmer.

Quando ele, finalmente, saiu da Microsoft, a casa estava toda arrumada”, afirma Emerson Rezende, gerente de conteúdo dos canais sociais do Windows, produto que levou a Microsoft a se tornar líder no mercado de software. Mesmo com o crescimento dos sistemas operacionais livres (entre eles, o Ubuntu, do Linux), o Windows segue como o preferido entre os usuários domésticos.

Pelo menos 70% dos computadores pessoais chegam às lojas com alguma das versões do sistema de Gates instalada, segundo um estudo da consultoria IDC Brasil.

Emerson Rezende lembra que o dono da Microsoft — que permaneceu à frente da companhia por 33 anos — foi o grande responsável pelo desenvolvimento do mercado de informática.

Ele permanece na companhia como presidente de honra, dando pitacos sobre o rumo dos negócios (mesmo com a empresa organizada, é inegável, porém, que a gigante norte americana se ressentia da falta da fagulha do gênio criador). “A grande sacada (para a empresa virar a dona do mercado) foi a criação de uma interface amigável ao usuário. Gates criou o conceito de licenciamento de software e fez com que seu produto pudesse ser usado em qualquer computador, aproveitando o parque de equipamentos que já existia na década de 1990”, analisa o gerente de conteúdos do Windows.

Embora analistas elogiem a transição de poder na Microsoft, é inegável que a empresa patinou no lançamento de soluções para celulares inteligentes e tablets. A nova geração do sistema operacional Windows Phone, por exemplo, foi lançada apenas no mês passado, com larga desvantagem em relação aos concorrentes da Apple e do Google (Android). O quadro fez com que as ações da companhia caíssem 3% nos últimos 12 meses.

REVOLUÇÃO. Aposta bem diferente de outro ícone do mundo da tecnologia. Steve Jobs, 56 anos, era o maior adversário de Gates, mas quis investir em outro tipo de negócio: plataformas fechadas de software, ou seja, que funcionam apenas nos produtos da Apple. Isso

criou sérios problemas, inicialmente. Jobs acabou destronado da empresa que criara com o amigo Steve Wozniak.

Poucos anos depois, na segunda metade da década passada, a empresa estava quase falida, quando Jobs, reconduzido ao comando, conseguiu a proeza de criar dispositivos que ganharam grande admiração do público. O primeiro iPod foi lançado em 2001, e revolucionou a relação das pessoas com a música; em 2008, surgiu o iPhone, praticamente recriando os telefones celulares; e, no ano passado, o iPad, tablet da companhia, brilhou e teve 15 milhões de unidades vendidas — surgia aí um novo mercado para esse tipo de produto, que nunca tinha emplacado até então.

“Steve Jobs mostrou que a Apple não é uma empresa de computadores, e sim de tecnologia. Ele não é engenheiro, mas tem um senso estético muito apurado e consegue prever o que as pessoas vão querer de suas máquinas no futuro”, avalia Sérgio Miranda, editor da revista Mac+, que acompanha a trajetória da companhia da maçã há 10 anos. “Tocadores de música já existiam antes do iPod, smartphones também não eram novidade quando surgiu o primeiro iPhone. Mesmo assim, a Apple se tornou referência para esse tipo de produto”, completa.

A visão empresarial de Jobs e a maneira como ela afeta os rumos da companhia têm preocupado os acionistas. Em janeiro, o CEO pediu afastamento do cargo para cuidar de sua saúde, e, desde então, os investidores cobram uma posição sobre quem substituirá o fundador da empresa. “As coisas estão meio tensas por lá, ninguém sabe direito o que vai acontecer nos próximos meses”, diz Emerson Rezende. Para Sérgio Miranda, Tim Cook, executivo de operações da fábrica (COO, na sigla em inglês), deve ser o escolhido. “Ele, certamente, será um bom gestor.

Acho difícil, contudo, que a Apple consiga desenvolver produtos tão criativos quanto os que apareceram na última gestão de Jobs”, prevê. “Mesmo o Jhonatan (Ive, principal designer da empresa) não deve substituir o CEO. Pessoas como Jobs são intimamente ligadas aos seus produtos.”

Formação de líderes começa cedo

Carolina Vicentin

Outro fenômeno entre os executivos da área de tecnologia é Mark Zuckerberg, 26 anos, fundador do Facebook, que inspirou um livro e um filme, se tornou o mais jovem bilionário do planeta e foi eleito o homem do ano pela revista Time em 2010. “Ele fez uma espécie de efeito Google nas redes sociais.

O buscador organizou a internet e Zuckerberg fez o mesmo com os sites de relacionamentos”, define Emerson Rezende.

Assim como os outros dois fenômenos do setor, o criador do Facebook também é dos Estados Unidos, algo que, segundo especialistas, não é mera coincidência. “A formação de lideranças começa a partir do estímulo familiar. Jovens que saem de casa cedo, moram sozinhos, mudam de país ou cidade têm mais chance de desenvolver ideias inovadoras”, aponta Nélio Bilati, consultor de desenvolvimento humano.

E práticas como essas são comuns às três biografias. Nos EUA, boa parte das pessoas deixa a casa dos pais assim que termina o equivalente norte-americano para o ensino médio. “Bill Gates, Steve Jobs e Mark Zuckerberg não são só inteligentes.

São gênios, porque, além de criar, têm uma imensa capacidade de inovação”, afirma o consultor.

Ele lembra que todos eles também precisaram deixar a vida pessoal de lado para concretizar seus objetivos. Tantas características, diz Bilati, “fazem deles personalidades únicas.”(C V)

Fonte: Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 10 mar. 2011, Seudinheiro, p. B8.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais